

ENTRE O CUIDADO DE SI E A FUSÃO DOS CORAÇÕES: PRAZER E DISCURSO SOBRE A MORAL NO SÉCULO DAS LUZES.

Marc André Bernier
(Université du Québec à Trois-Rivières)

RESUMO

No século XVIII, a questão do prazer se inscreve no centro de uma dupla tensão entre comportamento sexual e reflexão filosófica, experiência sensível e análise moral. Com a intenção de explorar essa configuração complexa, este artigo se propõe estudar alguns textos publicados nos anos 1740: dois pequenos romances de *Meusnier de Querlon – les Dortoirs de Lacédémone* (1740) e *Psaphion, ou la Courtisane de Smyrne* (1748) – e um tratado de filosofia moral, a *Théorie des sentiments agréables* (1747), de Lévesque de Pouilly. Ao evidenciar o papel que aí exercem a teoria musical e as metáforas que são retiradas dos textos, o autor mostra de que modo a questão do prazer permite renovar o discurso moral, afirmando tanto a necessidade do cuidado de si, quanto a de entrar, por assim dizer, em uma relação de consonância harmoniosa com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Lévesque de Pouilly, discurso moral, metáfora musical

Quer se tratem das especulações mais eruditas do pensamento moral ou ainda das descrições mais ligeiras da voluptuosidade, nunca tanto quanto no Século das Luzes, filósofos e escritores parecem ter falado a tal ponto a mesma linguagem, ao dissertar sobre o prazer. Em *Sonnettes*, romance libertino publicado em 1749, Guiard de Servigné descreve os gozos do marquês D*** e de sua amante, a fim de melhor denunciar, em seguida, todos os sistemas filosóficos ou religiosos que condenam os prazeres, interdição tão insensata quanto a que consistiria

em “proibir um corpo sonoro de ressoar quando recebe vibrações¹”. Dois anos antes, em a “*Théorie des sentiments agréables*” (1747), obra sobre a filosofia moral que devemos a um certo Lévesque Pouilly, os prazeres, como se assevera igualmente ai [ai], fazem [causam] “sobre nós uma impressão agradável”, em razão da “relação que têm entre eles os diferentes movimentos” das fibras do cérebro, os quais formariam, por sua vez, acordes análogos à “comoção dos corpos sonoros²”. Nesses dois casos, a expressão “corpo sonoro” remete, como sabemos, aos trabalhos do músico Jean-Phillippe Rameau, que havia introduzido esta noção a fim de basear sua teoria dos acordes harmônicos nas leis mecânicas da acústica³. Nestes dois casos, entretanto, a alusão à teoria do corpo sonoro de Rameau assinala não somente a utilização que dela fez o século XVIII da teoria musical a fim de refletir sobre a natureza dos sentimentos agradáveis, mas supõe ainda e principalmente que o prazer é concebido cada vez como uma propriedade essencial da matéria sensível. Que se julgue pelo verbete “Prazer” [“*Plaisir*”] da *Encyclopédie* que, a este respeito, resume o sentimento dominante do século, ao evocar, depois de Voltaire, “o quanto a natureza se mostra atenta a satisfazer nossos desejos”, pois “se só pelo movimento ela conduz a matéria, não é também senão pelo prazer que conduz os humanos⁴”.

Considerando o prazer nos limites entre as ciências naturais e a experiência sensível, e percebendo aí também um princípio que submete não só os corpos, mas também os corações e os espíritos, a uma lei tão imperativa quanto às da atração e da gravitação universal, o Iluminismo fez dele seguramente uma das principais fontes da vitalidade inventiva do século XVIII. É assim que a questão do prazer atravessa o conjunto das práticas literárias, artísticas ou musicais, enquanto a razão propriamente dita é convidada, segundo a expressão da marquesa de Lambert, a ter “sua própria languidez”, tendo em vista que deve procurar menos lutar contra as paixões do que “temperá-las ao gosto do espírito⁵”. No domínio da reflexão sobre a linguagem e a eloquência, um dos livros mais originais do século é, sem dúvida, o que Étienne-Simon de Gamaches lançou, em 1718, intitulado *Agréments du langage réduits à leurs principes*⁶. De acordo com a estética então nascente, como evocou recentemente Carole Talon-Hugon, o prazer se torna do mesmo modo central: é mesmo “através dele que as belas artes se constituem em categoria específica”, permitindo “reunir sob esse termo a poesia e a escultura, bem como o teatro e a pintura⁷”. Quanto aos romancistas, um moralista como Prévost não chegou a concluir seu céle-

bre prefácio de *Manon Lescaut*, assegurando ao leitor que “sua obra inteira é um tratado sobre a moral reduzido agradavelmente a um exercício⁸”? Enfim, mesmo os apologistas cristãos não negligenciaram nem torceram o nariz para o prazer, produzindo obras com títulos sugestivos, como, por exemplo, *Les Délices de la religion*, obra publicada em 1788 pelo abade curiosa e ironicamente denominado Lamourette^{9, 10}

Entretanto, deveríamos, a partir desses comentários liminares, tirar uma primeira conclusão, que tenderia a fazer dessa extraordinária promoção da noção de prazer o emblema essencialmente fútil de uma sociedade curial dominada pela cultura do espetáculo, pelo culto das aparências e pela dissolução dos costumes? Se é verdade, como lembrou com razão Patrick Wald Lasowski, que nessa tendência que inspira todo o período que sucede à morte de Louis XIV, se manifestam uma degradação das formas simbólicas e uma atenuação semântica, lançando todo o século “nessa confusão absoluta que o delírio da voluptuosidade gera¹¹”, não é menos verdade que no século XVIII, a questão do prazer se inscreve, igualmente, no centro de uma tensão dupla entre conduta sexual e reflexão filosófica, experiência sensível e análise moral. É, no mínimo, à luz dessa configuração extremamente complexa e original que propomos nos interrogar sobre a questão do prazer. Veremos, pois, como o Século das Luzes associou essa questão, por um lado, a uma investigação filosófica de inspiração sensualista, para a qual todas as ideias intelectuais e morais enraizam-se na sensação; e por outro, a uma cultura retórica de ascendência ciceroniana, em que o prazer pressupõe, a princípio, uma arte de agradar desenvolvendo-se numa arte de dizer, na qual se encontram estreitamente correlacionadas a exigência de instruir (*docere*, na língua de Cícero), a de comover (*movere*) e, evidentemente, a de agradar (*delectare*). Com a intenção de explorar essa configuração ao mesmo tempo filosófica e retórica da qual a ideia de prazer nos parece então indissociável, nos permitiremos, enfim, restringir nossa proposta de duas maneiras. Primeiramente, nosso *corpus* se limitará a alguns textos, todos publicados nos anos 1740: dois pequenos romances de Meusieur de Querlon – *les Dortoirs de Lacédémone* (1740) e *Psaphion, ou la Courtisane de Smyrne* (1748) – e também um tratado de filosofia moral, a *Théorie des sentiments agréables* (1747), de Lévesque de Pouilly, obra já citada, ignorada em nossos dias, porém bastante conhecida e consagrada em sua época¹². Num segundo momento, nos interessaremos apenas pelo papel que ne-

les desempenham a teoria musical e as metáforas que daí são retiradas, na medida em que esse ponto de vista oferece, em nossa visão, o imenso interesse de mostrar de que modo a questão do prazer permite igualmente renovar o discurso moral, afirmando tanto a necessidade do cuidado de si, quanto a de estabelecer, por assim dizer, uma relação de consonância harmoniosa com o outro.

Consultemos primeiramente o *Dortoirs de Lacédémone* e examinemos a tese que nele os dois personagens principais desenvolvem por ocasião de um breve diálogo sobre a volúpia. O primeiro deles é o filósofo Aristippe, que aí conversa com Laïs, uma cortesã, cujo pensamento moral procede totalmente de uma concepção segundo a qual o prazer consiste em “um doce choque imprimido à alma, um abalo agradável que ela recebe dos sentidos”. Para aprofundar e confirmar essa ideia, nosso filósofo interpreta enfim

os sentidos (que funcionam como veículos do prazer) como as cordas de um instrumento musical: os diversos sons produzidos por essas cordas são todos igualmente vibrações e modificações do ar, e quando falarmos da natureza dos sons na qualidade de filósofo e não na de músico, diremos sempre que, de um modo geral, um som não é diferente de outro som. O mesmo se dá com as nossas sensações, e, conseqüentemente, com os prazeres. [...] Diz-se que os sentidos são as janelas da alma; é a alma que vê, ouve, prova, recebe, em resumo, todas as impressões cujos sentidos corpóreos são os instrumentos: é ainda a alma que se modifica de acordo com nossas diferentes sensações¹³.

Segundo nosso filósofo, em suma, os sentidos seriam as cordas de um instrumento cujas vibrações, ao tocá-las agradavelmente, modificariam a própria alma, e essa tese merece ao menos duas observações. Em primeiro lugar, sob os traços do personagem Aristippe percebe-se não apenas a imagem do antigo filósofo hedonista, formado na escola do empirismo moral, mas também, por assim dizer, a do filósofo em voga. De fato, na época em que se publicam os *Dortoirs de Lacédémone*, toda uma parte essencial do pensamento francês encontra-se engajada em uma crítica à teoria das ideias inatas de Descartes. Depois do filósofo inglês John Locke, cada pensador parece apressado em demonstrar de que modo a sensação por si só basta para evocar a origem dos sentimentos e das ideias, e inclusive para conceber até mesmo o mecanismo pelo qual a natureza faz advir a matéria ao pensamento. “Sou corpo e penso”, assim declarou Voltaire em 1734 em suas *Lettres Philosophiques*,

e tal é, de fato, a mais nova máxima cuja investigação ocupa então todos os espíritos¹⁴. “É sempre a alma que se modifica de acordo com nossas diferentes sensações”, afirma por sua vez o personagem Aristippe, enquanto baseia esta tese, que se tornou comum em, 1740, numa teoria do prazer que se refere a algumas metáforas musicais, cuja importância requer, neste momento, uma segunda observação. De fato, evocar unicamente os nomes de Locke ou de Voltaire não significa colocar em evidência, se assim podemos dizer, o papel que a teoria do prazer e a teoria musical tiveram, de comum acordo, no advento de uma psicologia empirista, no Século das Luzes. Eis, pelo menos, o que nos convida a refletir sobre a influência considerável exercida, no decorrer dos anos 1730 e 1740, por uma obra como a *Théorie des sentiments agréables*. Seu autor, Lévesque de Pouilly, tinha então publicado suas reflexões em 1736 em forma de uma carta ao amigo lorde Bolingbroke, antes de lançar, em 1747, um livro que, por sua vez, inspiraria o verbete “Prazer” da *Encyclopédie*¹⁵. Membro da *Académie des inscriptions*¹⁶ e leitor francês de Shaftesbury, a quem toma emprestado notadamente a ideia de harmonia, Lévesque de Pouilly atribui a sua teoria dos sentimentos agradáveis as mais vastas ambições, uma vez que se trata, para ele, de reconstruir com base em seus próprios princípios o conjunto do edifício do saber, desde a poética e a retórica, até a filosofia moral e a teologia. Discípulo de Newton, ele considera, no plano metodológico, que “a teoria das leis que regulam a distribuição dos sentimentos pertence ao mesmo gênero que todas as Ciências Físico-Matemáticas¹⁷”; mas vejamos a seguir em que termos ele vislumbra a questão do prazer:

Não procurei até aqui a fonte do prazer senão na alma, ou nos órgãos do sentimento. Às suas diferentes modificações, correspondem, no cérebro, variáveis paralelas e proporcionais. [...] Ser-nos-ia possível revelar esse mistério? É aqui, principalmente, que a natureza cobriu-se com um véu [...] Mas [...], na falta da experiência, a analogia nos empresta sua luz. [...] Somos então autorizados a acreditar que um objeto agradável põe em movimento as fibras cerebrais [...]. Não é somente o grau do movimento nas fibras cerebrais que aí faz eclodir o prazer; é, principalmente, a relação que os diferentes movimentos que se lhe imprimem têm entre si. Devemos essa importante observação à teoria musical; os acordes são tanto mais agradáveis quanto as vibrações que os formam se reúnem com mais constância. Ora, a mesma analogia que nos mostra dentro do cérebro um tipo de eco [...], mostra-nos ecos parecidos noutras sensações. Não há objeto que não possa exercer sobre nós uma sensação agradável,

a partir do instante em que suas partes excitam em diferentes fibras cerebrais vibrações ligadas entre si, afinando-se e conservando-se mutuamente.¹⁸

Encontramos aqui a mesma linguagem que aquela à qual recorre Aristippe no *Dortoirs de Lacédémone*, uma vez que os prazeres do coração e da alma se enraizam cada vez na sensação física, cujas modificações são em toda parte encaradas à luz das analogias tomadas de empréstimo à teoria musical. Certamente, Lévesque de Pouilly insiste mais nos fenômenos de consonância – retornaremos, aliás, a esta questão –, enquanto que, no *Dortoirs de Lacédémone*, as teses da psicologia empirista serviam essencialmente de propedêutica a uma moral hedonista baseada no cuidado de si e conduzindo a uma arte de viver, como o mostra a sequência do texto, que continua nesses termos: “Esses princípios colocados, analisemos os prazeres dos sentidos para descobrirmos de que modo tantos uns quanto outros são mais ou menos vivos, mais ou menos delicados e a causa desta diferença. Começemos pelo paladar¹⁹”, etc. Entretanto, quer se trate do pequeno romance de Meusnier de Querlon, ou ainda do tratado de Lévesque de Pouilly, nos dois casos, a ideia segundo a qual a teoria musical permite conceber as leis que regem o funcionamento da sensibilidade devia assegurar a essas concepções do prazer um futuro brilhante. Logo, essas teses irão inspirar algumas das maiores obras desse século, como o mostra, entre outras, o *Rêve de D’Alembert* (1769), em que Diderot garante então que “nós somos instrumentos dotados de sensibilidade e de memória”, a ponto de afirmar, em seguida, que “nossos sentidos são teclas que são tocadas pela natureza que nos cerca, e que tocam por si mesmas, constantemente”. Eis como, prossegue ele, finalmente, “tudo acontece em um cravo organizado como você e eu²⁰”.

Contudo, essas considerações em que a filosofia sensualista toma emprestado sua linguagem à teoria musical permitem não somente vislumbrar de que modo as sensações formam acordes pelos quais se regulam os procedimentos da alma, mas fornecem ainda ao romance do século XVIII os princípios a partir dos quais se inventa uma escrita que procura tanto instruir quanto agradar e comover, como se percebe em uma cena retirada de um segundo romance de Meusnier de Querlon, *Psaphion, ou la Courtisane de Smyrne*. Aqui, é a própria Psaphion que começa a contar a história de suas aventuras amorosas. Ela se encontra, na ocasião, em companhia do jovem Sunnion quando, de um quarto

vizinho, chegam-lhes aos ouvidos rumores de suspiros de um casal de amigos, Praxille e sua amante:

Como nossa cara amiga estava arrebatada! Que suspiros e ímpetos atingiam nossos ouvidos! Sem o saber, ela fazia exalar até nós a irresistível volúpia. Dir-se-ia que, da parede que nos dissimulava a visão desta cena interessante, ressudava um fogo devorador. Sentíamos, por assim dizer, a reação das impressões que esses ternos atletas trocavam entre si: estávamos agitados por todos os seus movimentos. Nossa imaginação, fortemente perturbada por esses sons entrecortados e esse voluptuoso murmúrio, que são a linguagem das almas, transportava até nossos corações esses doces abalos que fazem palpitar os amantes. Nossos sentidos, pelas impressões do prazer que recebiam de todas as partes, eram como as cordas de uma lira que se altearam em uníssono, tocada por um mestre hábil. Sob a pressão do arco móvel, a lira ressoa, produzindo acordes: o outro, por efeito de uma correspondência harmônica, também executa sons e torna-se o eco daquela que uma mão exímia anima. Súbito, sucumbindo à minha própria fraqueza, e completamente fora de mim, abandonei-me nos braços de meu querido escravo e me senti cingida pelo enlace dos seus²¹.

Nesta passagem, alguns suspiros que escapam atingem os ouvidos, transformando-se logo em um “voluptuoso murmúrio” e essa “linguagem das almas”, ditada pela sensação, aparece em seguida sob a figura de uma lira cujas cordas, alteadas em uníssono, ressoam enquanto produzem correspondências harmônicas que são retomadas, afinal, como um eco, pelos corpos e pelos corações dos dois amantes. Certamente, encontramos nessa página toda a ciência que uma teoria sensualista dos sentimentos agradáveis pressupõe, mas num contexto no qual, graças à narrativa de uma anedota licenciosa, conhecimento e raciocínios filosóficos são enunciados numa linguagem que ganha os corações e numa palavra eloquente que busca seduzir. Favorecida pela evolução das artes do discurso, no século XVIII, uma tal concepção das relações entre conhecimentos e ornamentos da linguagem, eloquência e ciência é, evidentemente, reforçada pela formidável promoção que as ideias de sedução e de prazer conheceram na ocasião, e que afetou profundamente a maneira de considerar a argumentação, conforme demonstra, entre inúmeros exemplos, um *Essai de rhétorique française* publicado por um certo Gabriel Henri Gaillard em 1746: “Seja com o intuito de instruir, seja com o de tocar, é preciso antes começar por agradecer; eis a mola mestra que faz mover toda a máquina do espírito e do coração humano²²”.

Mas o ensinamento que importa tirar da narrativa dos amores de Psaphion não é somente de ordem retórica, é também de ordem moral. A situação que é descrita supõe que os sentidos sejam, ao mesmo tempo, análogos às “cordas de uma lira” e suscetíveis de repercutir, como num eco, as “correspondências harmônicas” que uma mão exímia anima do outro lado da parede que separa os dois casais. Em outras palavras, as metáforas musicais servem tanto para expressar a maneira como a propensão para os prazeres determina os movimentos do corpo, do coração e do espírito, quanto para fazer vislumbrar o que permite a comunicação ou a troca dos afetos entre os indivíduos. Ora, o que o romance de Meusnier de Querlon induz assim a pensar representa, seguramente, em Lévesque de Pouilly, a tese central que sua *Théorie des sentiments agréables* pretende ilustrar. De fato, ao se empenhar em compreender o prazer à luz das leis da consonância harmônica que ele toma emprestado à teoria musical, Lévesque de Pouilly acaba por perceber no funcionamento da sensibilidade tanto as condições que determinam uma felicidade pessoal e íntima, quanto a natureza das relações em função das quais se combinariam as diversas sensações experimentadas por vários indivíduos. Que se julgue pela seguinte passagem:

Nada iguala a facilidade dos que se amam de se compenetrarem das mesmas ideias. Há almas, que à primeira troca de olhares, atraem uma à outra mais fortemente que o ímã atrai o ferro. Os que riem ou choram no teatro trazem até nós os sentimentos que expressam.

Mas por qual mecanismo as vibrações das fibras de um cérebro podem passar para o cérebro de um estranho? A teoria dos sons lança alguma luz sobre esse mistério. O som chega até nós porque existem fibras do corpo sonoro, parcelas de ar, fibras do ouvido, e finalmente fibras do cérebro, que formam como uma cadeia contínua de cordas em uníssono.

[...] Assim, quando o estado de nossa alma se manifesta aos olhos de estranhos através dos movimentos do corpo, das cores do rosto, da disposição do olho: é razoável supor que se forma, a partir do nosso cérebro até o do espectador, uma cadeia de cordas em uníssono, que levam a um as vibrações das fibras do outro²³.

Não poderíamos insistir demasiadamente na importância dessas metáforas musicais, que oferecem o imenso interesse de ligar teoria dos sentimentos agradáveis, investigação psicológica e reflexão moral, de maneira que, ao fazer das leis mecânicas da acústica o princípio

explicativo dos fenômenos de simpatia, o encantamento dos sentidos se torna o fermento de uma fusão dos corações. A consequência mais essencial de um tal dispositivo argumentativo deve-se, sem dúvida nenhuma, ao fato de que a atividade espontânea e irrefletida da sensibilidade humana parece, daí em diante, submetida tanto à propensão para o prazer quanto a um movimento natural de identificação com os sentimentos do outro. De resto, ao passar de uma teoria dos sentimentos *agradáveis* a uma teoria dos sentimentos *morais*, Lévesque de Poilly procura mostrar não somente de que modo a afetividade participa da formação do laço social, mas ainda nutre a ambição de colocar em evidência as raízes afetivas da virtude, seguindo assim a letra e o espírito do programa anunciado no subtítulo de seu tratado, onde escreveu: “Após termos assinalado as regras que a natureza segue na distribuição dos prazeres, estabelecemos os princípios da teologia natural e os da filosofia moral”.

Nesse contexto, vibrações do corpo sonoro e relações de consonância entre as sensações, movimentos mecânicos das fibras do cérebro e acordes em uníssono dos corações e dos espíritos formam, portanto, um paradigma segundo o qual vemos afirmarem-se, ao mesmo tempo, uma antropologia nova e a dupla recusa, de um lado, de uma filosofia estoica, baseada na negação dos desejos e dos prazeres, e de outro, da tradição dos moralistas clássicos, cujas máximas desencantadas proclamavam o triunfo universal do interesse pessoal. Ao deslocar o cerne da análise moral para um Eu dominado inteiramente pela procura do prazer, Lévesque de Pouilly não chega nunca a afirmar o domínio absoluto que só a busca dos gozos egoístas exerceria, mas, muito pelo contrário, enraíza o sentimento do coletivo nos mesmos princípios que estruturam os afetos agradáveis e norteiam-lhe a comunicação. Tal tese supõe, inicialmente, que a harmonia “presidiu à construção de nossos cérebros”, apresentando, em seguida, como prova a “sensação quase miraculosa que aí causa a música em certas doenças”, a qual “nos autoriza a crer” que nossos cérebros “são instrumentos de cordas²⁴”. Chega então à conclusão de que, para além dos cálculos egoístas do amor-próprio que separam os homens, sentimentos agradáveis e afeições simpáticas decorrem de uma mesma fonte, na medida em que, precisamente, sensações de prazer e movimentos de benevolência são regidos pelas mesmas leis de consonância harmônica, como o mostra essa passagem:

Mas por que razão as qualidades que formam a beleza do corpo, do espírito e da alma nos afetam tão agradavelmente [...]? Esses ornamentos encontram sua origem na atenção que a natureza teve em formar os homens de modo que, apesar do amor-próprio que os separa, são todos membros de um mesmo corpo. Cada um deles tem seu movimento separado, cujo interesse pessoal é o centro, e todos esses movimentos particulares e passageiros fazem parte do movimento universal e imenso, que tem como centro o bem comum.

O principal meio de que se serviu a natureza para estabelecer e conservar a sociedade do gênero humano foi tornar comum entre os homens suas qualidades e seus defeitos [...]. Uma pessoa delicada não pode perceber em outrem um membro dilacerado, sem deixar de sentir na mesma parte do corpo o efeito indireto da ferida²⁵.

Com essa idéia de uma sensibilidade comum, contida num movimento universal “que tem como centro o bem comum”, a teoria dos sentimentos agradáveis propõe, em suma, ancorar a experiência moral na natureza afetiva do homem, reinventando assim a relação com o outro além da lógica do interesse que, entre filósofos como Hobbes ou moralistas como La Rochefoucauld, presidiam incessantemente e sem piedade aos interesses do mundo. É por essa razão que uma tal meditação acerca dos prazeres conduz, afinal, à invenção de um personagem novo, logo chamado para povoar a literatura da segunda metade do século XVIII e que se parecerá menos com o libertino Valmont²⁶ ou com o perverso Dolmancé²⁷ do que com os filósofos Dorval²⁸ ou Dolbreuse²⁹: esse personagem será o homem virtuoso, cujo “coração [...] só vive para os movimentos bem-intencionados, em outras palavras, para os sentimentos de prazer.”³⁰

Certamente, ao perceber assim na faculdade de sentir a origem da moralidade, a reflexão levada a cabo por Lévesque de Pouilly não parece trazer nada de particularmente original em relação ao Iluminismo europeu em geral, cuja filosofia moral procede em toda parte e sempre da vasta empreitada de reabilitação da afetividade e das paixões que atravessa todo o século. Criar uma teoria dos sentimentos morais para melhor refutar uma antropologia pessimista em que os cálculos de um Eu egoísta governariam sozinhos o coração do homem, eis o projeto que, de maneira exemplar, animava o Iluminismo escocês desde Francis Hutcheson (1694–1746) até Adam Smith (1723–1790), passando por David Hume (1711–1776). Entretanto, e assim concluímos nosso artigo, a (bastante) ilustre tradição do pensamento moral escocês que acaba-

mos de evocar não concebeu em quase nada o projeto de fazer derivar o sentimento moral das diversas sensações do prazer, pelo menos se o julgamos pela leitura da tradutora francesa de Adam Smith, Sophie de Grouchy, marquesa de Condorcet (1764–1822) que, em suas *Lettres sur la sympathie*, de 1798, observava, por exemplo: “Smith afirma que nós simpatizamos muito pouco com os gozos do amor. [...] [Ora] Como a simpatia pelos prazeres dos outros é um sentimento anterior ao ciúme e às idéias de honestidade e de pudor, embora essas ideias [...] nos impeçam de simpatizar com os gozos do amor, não devemos concluir com isso que essa simpatia não seja natural³¹”. Evidentemente, tal releitura crítica do filósofo escocês expressa um ponto de vista segundo o qual a simpatia não se define apenas, conforme a expressão de Smith, como um *fellow-feeling*³² mas supõe, além disso, a ideia de uma comunicação ardente que, desde Lévesque de Pouilly até a marquesa de Condorcet, passando pela narrativa sedutora das aventuras galantes de uma Psaphion, faz seguramente a originalidade do pensamento moral francês.

ABSTRACT

In the 18th century, the question of pleasure is in the center of a dual tension between sexual behavior and philosophical reflection, and sensitive experience and moral analysis. Aiming to explore this complex configuration, this paper proposes to study some texts published in the 1740's: two short novels by *Meusnier de Querlom – les Dortoirs de Lacédémone* (1740) and *Psaphion, or la Courtisane de Smyrne* (1748) – and a treaty of moral philosophy, the *Théorie des sentiments agréables* (1747), by Lévesque de Pouilly. By demonstrating the roles of musical theory and metaphors found in these texts, the author seeks to show how the question of pleasure makes the moral discourse renewed, affirming both the necessity of self-care and when beginning a harmonious relationship with others.

KEYWORDS: Lévesque de Pouilly, moral discourse, musical metaphor.

NOTAS

¹ Jean Baptiste, Guiard de Servigné, *Les sonnettes*, em *Mémoires de Monsieur le Marquis D****, Utrecht, s.n., 1749, p. 57.

² Louis-Jean Lévesque de Pouilly, « Préface », *Théorie des sentimens agréables. Où après avoir indiqué les règles que la nature suit dans la distribution des plaisirs, on établit les principes de la théologie naturelle et ceux de la philosophie morale*. Genève, Baillot et fils, 1747, p. 131-132. Esse texto retoma e amplia um artigo já publicado em « *Théorie des sentimens agréables. Où l'on établit les principes de la morale* », *Recueil de divers écrits sur l'amour et l'amitié, la politesse, la volupté, les sentimens agréables, l'esprit et le cœur*, Paris, Veuve Pissot, 1736.

³ Ver, em particular, Jean-Philippe Rameau, *Traité de l'harmonie réduite à ses principes naturels* (1722), assim como la *Démonstration du principe de l'harmonie* (1750). Sobre Rameau, ver *Musique raisonnée* (1980), com textos de Jean-Philippe Rameau escolhidos, apresentados e comentados por Catherine Kinzler et Jean-Claude Magloire. Sobre a influência considerável do pensamento de Rameau, ver Jean-Michel Bardez, *Les écrivains et la musique au XVIII^e siècle. Philosophes, encyclopédistes, musiciens, théoriciens*, Genève et Paris, Éditions Slatkine, 1980, p. 57 sq.

⁴ Verbete « Plaisir », *Encyclopédie*, em *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, Neufchâtel, Samuel Faulche, s.d., t. XII, p. 689. O texto da *Encyclopédie* retoma aqui Voltaire : « A natureza, atenta a satisfazer vossos desejos, / chama-vos a esse Deus pela voz dos prazeres / [...] Apenas pelo movimento ele conduz a matéria; / Mas é pelo prazer que conduz os humanos ». (« V. Discours. Sur la nature du plaisir », *Discours en vers sur l'homme*, em *Œuvres diverses de Monsieur de Voltaire*, Londres, Jean Nourse, 1746, t. 5, p. 59). Acerca da atração enquanto « nova propriedade da matéria », ver igualmente Jean Ehrard, *L'idée de nature en France dans la première moitié du XVIII^e siècle* [1963], Paris, Albin Michel coll. « Bibliothèque de l'Évolution de l'Humanité », 1994. Conforme destaca este último, a questão da atração constitui o « centro nervoso » (p. 245) de toda a vida intelectual da primeira metade do século XVIII.

⁵ « Lettre sur les romans. A M**». *Journaliste étranger. Ce premier septembre 1742* », *Les amusemens du cœur et de l'esprit*, La Haye, P. Gosse, 1742, t. xiv, p. 420.

⁶ Étienne Simon de Gamaches, *Les agrémens du langage réduits à leurs principes*, Paris, G. Cavalier, 1718.

⁷ Carole Talon-Hugon, *Morales de l'art*, Paris, PUF, coll. « Lignes d'art », 2009. p. 21.

⁸ Prévost, *Manon Lescaut*, Paris, Gallimard, coll. « Folio », 1972, p. 48.

⁹ N. do T. O vocábulo “amourette”, substantivo comum, designa um “namorico”.

¹⁰ Antoine-Adrien Lamourette, abbé, *Les délices de la religion, ou le Pouvoir de l'Évangile pour nous rendre heureux*, Paris, Mériçot jeune, 1788.

¹¹ Patrick Wald Lasowski, *Libertines*, Paris, Gallimard, coll. « Les Essais », 1980, p. 55.

¹² Ver Georges Grente (dir.), « Lévesque de Pouilly », *Dictionnaire des Lettres françaises. Le XVIII^e siècle*, edição revista e atualizada sob a direção de François Moureau, Paris, Fayard, coll. « La Pochothèque », 1995, p. 763.

¹³ Ange-Gabriel Meusnier de Querlon, *Les soupers de Daphné et Les dortoirs de Lacédémone. Anecdotes grecques ou fragments historiques publiés pour la première fois Et traduits sur la version arabe imprimée à Constantinople, l'an de l'Hégire 1110 et de notre ère 1731*, Oxford, s.n., 1740, p. 66-67.

¹⁴ Voltaire, « Sur Locke », *Lettres philosophiques ou Lettres anglaises avec le texte complet des remarques sur les Pensées de Pascal*, éd. R. Naves, Paris, Bordas, coll. « Classiques Garnier », 1988, Lettre XIII, p. 66.

¹⁵ Ver, por exemplo : « devemos à teoria musical essa observação importante, segundo a qual as consonâncias são mais ou menos agradáveis conforme sejam de natureza a exercitar mais ou menos as fibras do ouvido. A analogia que reina em toda a natureza nos autoriza a conjecturar que essa lei influi em todas as sensações. Existem cores cuja combinação agrada aos olhos; tal se explica pelo fato de formarem no fundo da retina, por assim dizer, uma consonância » (« Plaisir », *Encyclopédie*, art. cit., p. 689-690).

¹⁶ N. do T. A *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* é uma sociedade científica francesa voltada para as Humanidades, fundada em fevereiro de 1663, e que atualmente compõe uma das cinco academias integrantes do *Institut de France*. Ela foi responsável, no século XVIII, pela difusão de pesquisas nos campos da crítica, da filologia, da história e da arqueologia em torno da cultura e da arte greco-romana.

¹⁷ Louis-Jean Lévesque de Pouilly, « Théorie des sentimens agréables », art. cit., p. 6.

¹⁸ Louis-Jean Lévesque de Pouilly, *Théorie des sentimens agréables*, op. cit., p. 128-132.

¹⁹ Ange-Gabriel Meusnier de Querlon, *Les soupers de Daphné et Les dortoirs de Lacédémone*, op. cit., p. 67.

²⁰ Denis Diderot, *Entretien entre Diderot et d'Alembert*, em *Œuvres*, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque de la Pléiade », 1951, p. 910.

²¹ Ange-Gabriel Meusnier de Querlon, *Psaphion, ou la Courtisane de Smyrne. Fragment érotique, traduit du grec de MNASÉAS, sur un manuscrit de la bibliothèque du Lord B...*, Londres, Tomson, 1748, p. 26-28.

²² Gabriel Henri Gaillard, « Préface », *Essai de rhétorique française*, Paris, 1746, p. 4. Sobre a promoção do prazer e da sedução na concepção da argumentação no século XVIII, ver Jacqueline Hellegouarc'h, « La conversation au XVIII^e siècle », *Littérature et séduction. Mélanges en l'honneur de Laurent Versini*, Paris, Klincksieck, 1997.

²³ Louis-Jean Lévesque de Pouilly, *Théorie des sentimens agréables*, *op. cit.*, p. 137-139.

²⁴ *Ibid.*, p. 136.

²⁵ *Ibid.*, p. 133-134.

²⁶ N. do T. Personagem do romance epistolar intitulado *Les liaisons dangereuses*, de Choderlos de Laclos, publicado em 1782.

²⁷ N. do T. Personagem de *La Philosophie dans le boudoir* ou *Les Instituteurs immoraux*, de Sade, publicado em 1795.

²⁸ N. do T. Personagem de *La Nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu, suivie de l'histoire de Juliette, sa soeur*, de Sade, publicado em 1797.

²⁹ N. do T. Personagem do romance *Dolbreuse ou l'Homme du siècle ramené à la vérité par le sentiment et par la raison*, de Loaisel de Tréogate, publicado em 1783.

³⁰ *Ibid.*, p. 221.

³¹ Marc André Bernier et Deidre Dawson, *Les Lettres sur la sympathie (1798) de Sophie de Grouchy. Philosophie morale et réforme sociale*, Oxford, Voltaire Foundation, coll. « Studies on Voltaire and the Eighteenth-Century », 2010, p. 59.

³² Adam Smith, *The Theory of moral sentiments*, éd. David Daiches Raphael et Alexander Lawrence Macfie, em *The Glasgow edition of the works and correspondence of Adam Smith*, Oxford, 1976, p. 10 : « Sympathy [...] may now [...] be made use of to denote our fellow-feeling with any passion whatever. » Com toda a razão, a mais recente tradução francesa propõe verter *fellow-feeling* por « affinité » [afinidade]; ver A. Smith, *Théorie des sentiments moraux*, trad. Michaël Biziou, Claude Gautier et Jean-François Pradeau, Paris, Presses universitaires de France, [1999] 2007, p. 25, n. 3.

Tradução do original em francês de Francisco Daniel Luna.

Revisão da tradução de Renato Venâncio Henriques de Sousa.

Data de recebimento: 30 de março de 2011

Data de aprovação: 05 de junho de 2011